

## Gustave Flaubert

Gustave Flaubert (Ruen, França, 12 de dezembro de 1821 – Croisset, França, 8 de maio de 1880) foi um escritor francês. Prosador importante, Flaubert marcou a literatura francesa pela profundidade de suas análises psicológicas, seu senso de realidade, sua lucidez sobre o comportamento social, e pela força de seu estilo em grandes romances, tais como *'Madame Bovary'* (1857), *'L'Éducation sentimentale'* (1869), *'Salammbô'* (1862) e contos, tal como *'Trois contes'* (1877).

### Biografia

Gustave Flaubert é o segundo dos 6 filhos do médico Achille Cléophas Flaubert (1784-1846), cirurgião-chefe do Hospital de Ruão, e sua esposa Anne Justine, nascida Fleuriot (1793-1872). Passa a infância ao lado dos irmãos no Hospital onde o pai trabalha. Estuda no Colégio Real, onde faz amigos para a vida inteira, tais como Louis Boulhiet (1829-1869), poeta; Maxime Du Camp (1822-1894), futuro editor e jornalista, e Alfred Le Poittevin, morto prematuramente. Interessado em literatura, dirige o semanário escolar, *'Arte e Progresso'*.

Aos 15 anos, interessa-se por teatro, e compõe um drama em 5 atos, em prosa, *'Luís XI'*. Em 1837, escreve seu primeiro romance, *'Rêve d'enfer'*, uma obra ainda imatura e juvenil, mas que já vislumbra os traços que caracterizariam suas futuras heroínas. Também aos 15 anos se apaixona, por uma mulher casada e onze anos mais velha do que ele, Elisa Schlesinger, a qual amará, talvez, pela vida toda; só declara, porém, o seu amor 30 anos mais tarde, através de uma carta. Embora viúva, Elisa já não quis desposá-lo. Elisa terminou sua vida em um asilo para doentes mentais.

O amor impossível, em especial por Elisa Schlesinger, inspira vários de seus livros: *'Mémoires d'un fou'*, em 1838, *'Novembre'*, em 1842, e as duas versões de *'L'Éducation sentimentale'*, em 1845 e 1869.

Inicia os estudos de direito, em Paris, para contentar o pai, porém não consegue se interessar pelas aulas, levando uma vida boêmia, gastando todo o dinheiro que o pai mandava despreocupadamente. Após ter sido reprovado nos exames de direito na Universidade de Paris, começa a ter crises nervosas, com alucinações e perdas de consciência, que os médicos diagnosticam como histérico-epiléticos. Seu pai o trata com sangrias e dietas, isolando-o em um sítio em Croisset, às margens do Sena. Há uma melhora das crises, que só iriam retornar no fim da vida. Durante esse seu retiro, falece seu pai e a irmã Caroline, aos 22 anos, após dar à luz uma menina.

Em 1846, Flaubert conhece Louise Collet, separada do marido e mãe de uma jovem de 16 anos, amante do filósofo Vitor Cousin, e inicia um romance. Louise era considerada, pelos amigos, presunçosa e afetada, pouco espontânea, exatamente o oposto da recatada Elisa Sclesinger.

Flaubert rompe com Louise em 1848 e, mergulhado na literatura, não percebe as transformações da França, tais como a revolução desse mesmo ano, que derruba o Rei Luís Filipe e entrega o poder a Napoleão III, proclamado imperador em 1852.

Nesse período Flaubert perde o amigo Le Poittevin, companheiro de infância, e sua saúde se abala. Gustave organiza, com o amigo Maxime du Camp, uma longa viagem ao Oriente, entre 1849 e 1852; viaja ao Egito e à Jerusalém e, ao retornar, passa por Constantinopla e Itália. Colhe informações para escrever, mais tarde, Salammbô, uma reconstituição da civilização Cartaginense na época das guerras púnicas.

Em 1851, tem início Madame Bovary, obra realista que o tornaria célebre e que levaria 5 anos para concluir.

Em 1866, recebe a [Legião de Honra](#) do governo francês.

Entre 1870-1871, os [prussianos](#) ocupam uma parte da França, e Flaubert se refugia com sua sobrinha, Caroline, em Ruão; sua mãe morre em 6 de abril de 1872 e, nessa época, passa por dificuldades financeiras.

Em 1874, escreve [La Tentation de Saint Antoine](#) (1874), inspirada num quadro de [Bruegel](#). Em 1877, aos 55 anos, escreve 'Trois Contes', entre eles um que é considerado sua obra-prima, 'Un cœur simple', a história de uma criada bondosa e tola, Félicité, inspirada em Julie, empregada que servira Flaubert e sua família até morrer. Sua obra Bouvard e Pécuchet fica inacabada e foi publicada posteriormente.

## **Morte**

Pouco antes de sua morte, vende suas propriedades para evitar a falência do marido de sua sobrinha, e passa a viver de um salário como conservador da Biblioteca Mazarine.

Seus últimos anos são marcados por dificuldades financeiras. Morre subitamente, provavelmente de [AVC](#), e é sepultado no Cemitério Monumental de [Ruão](#), em presença daqueles que o reconheciam como seu mestre: [Émile Zola](#), [Alphonse Daudet](#), [Edmond de Goncourt](#), [Théodore de Banville](#) e [Guy de Maupassant](#).

## **Características literárias**

Flaubert foi um dos mestres do [Realismo](#), movimento estético de reação

ao [Romantismo](#) europeu no século XIX, influenciado pelas teorias científicas, a [Revolução Industrial](#) e a linha filosófica de [Augusto Comte](#).

Flaubert é contemporâneo de [Baudelaire](#) e ocupa, tal como o poeta de [Fleurs du Mal](#), uma posição pioneira na literatura do [século XIX](#). Apesar das contestações da época, por motivos morais, hoje é considerado como um dos grandes romancistas de seu século, em particular pela obra [Madame Bovary](#). Fortemente marcado pela obra de [Honoré de Balzac](#), [Madame Bovary](#) tem inspiração em [La Femme de trente ans](#)), e seus escritos são ligados ao realismo.

A visão irônica e pessimista da humanidade fazem de Flaubert, na verdade, um grande moralista. Flaubert levou à perfeição o ideal do romance realista de harmonizar a arte e a realidade. Sua obra se caracteriza pelo cuidado na sintaxe, na escolha do vocabulário e na estrutura do enredo.

## Obras

'Rêve d'enfer' ('Paixão e Virtude') 1837

Mémoires d'un fou ('Memórias de um Louco') 1838

Novembre ('Novembro') 1842

Madame Bovary ('Madame Bovary') 1857

Salammô ('Salambô') 1862

L'Éducation sentimentale ('A Educação Sentimental') 1869

Lettres à la municipalité de Rouen, 1872

Le Candidat (peça), 1874

La Tentation de Saint Antoine ('A Tentação de Santo Antônio') 1874

Trois Contes ('Três Contos') (Un cœur simple ('Um Coração Simples'), La Légende de Saint Julien l'Hospitalier e Hérodiades), 1877

Le Château des cœurs (teatro), 1880

Bouvard et Pécuchet (inacabado), 1881

À bord de la Cange, 1904

Par les champs et les grèves, 1910

Œuvres de jeunesse inédites, 1910

Dictionnaire des idées reçues, 1913

Lettres inédites à Tourgueneff, 1947

Lettres inédites à Raoul Duval, 1950

FONTE: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave\\_Flaubert](http://pt.wikipedia.org/wiki/Gustave_Flaubert)

## A EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

*A Educação Sentimental* é um romance de Gustave Flaubert sobre um jovem. Foi publicado em 17 de novembro de 1869 por Michel Levy & irmãos.

### Gênese

O núcleo da história é baseado no romance de Sainte-Beuve, *Volupté*, o qual Honoré de Balzac já havia reescrito com o romance *O lírio do vale*. O romance de Flaubert usa o mesmo assunto numa narrativa inteiramente nova, reinventando o romance de aprendizagem para dar-lhe uma profundidade e acuidade antes inexistente. Apesar da crítica negativa, quando foi publicado, tornou-se, a partir de Proust, um livro de referência para os romancistas do século XX.

*A educação sentimental* é o resultado de três textos que Flaubert tinha escrito em sua juventude. Entre janeiro de 1843 a janeiro de 1845 ele produziu um primeiro *A educação sentimental*, que sucedeu um primeiro escrito terminado em 25 de outubro de 1842. Este último, por sua vez, foi fruto de um primeiro esboço de juventude intitulado *Mémoires d'un fou* (Memórias de um louco) de 1838. O romance definitivo foi escrito a partir de setembro 1864 e terminado em 16 de maio de 1869 na parte da manhã.

### Apresentação

Numa França em clima de revolução de 1848, decorre a vida de um jovem ambicioso e cheio de ideais, que se apaixona por uma mulher casada e persegue esse amor ao longo de anos e anos, salpicado por outros amores menores com segundos interesses de acordo com as suas motivações pessoais e sociais de cada momento. A par do seu grande amigo de infância Charles Deslauriers, Frédéric Moreau segue as suas pegadas de constantes ilusões e desilusões, em todos os aspectos das suas existências. De impulsos sentimentais Frédéric, e de impulsos intelectuais Deslauriers, ambos vêem-se ultrapassados pela máquina devoradora que é a realidade, que igualmente reduz a pó a maioria das ambições dos revolucionários, não obstante a instauração efetiva da República após o período de revoluções. «A Educação Sentimental» é, além de um romance muito interessante pelo seu enredo e ilustrador da volatilidade do caráter humano dependendo das situações que se lhe deparam, um livro com uma escrita irrepreensível e recheada de fatos históricos ao ponto de ter mais de duas centenas de referências.

«A Educação Sentimental» tem, na obra de Flaubert, uma importância comparável à de *Madame Bovary*.

*A educação sentimental* tem muitos elementos autobiográficos, como o encontro de Madame Arnoux, inspirado pelo encontro de Flaubert com Elisa Schlesinger, o amor da sua vida. O personagem principal é Frédéric Moreau, um jovem de dezoito anos, morador do interior da França que sai para estudar em Paris. De 1840 a 1867, ele vai experimentar a amizade inabalável e o poder da estupidez, arte, política, as revoluções de um mundo que oscila entre a monarquia, república e império. Muitas mulheres (Rosanette, Madame Dambreuse) atravessam sua existência, mas nenhuma se compara a Marie Arnoux, esposa de um rico comerciante de arte, pela qual é loucamente apaixonado. É no contato, de forma passiva, com essa paixão e com as contingências do mundo que Frédéric vai fazer a sua educação sentimental, o que vale dizer, essencialmente, que ele vai pouco a pouco perdendo suas ilusões.

O caráter de Frédéric é inspirado, em grande parte, nas próprias experiências da juventude de Flaubert, mas é também o retrato definitivo de uma geração alimentada pela corrente de idéias românticas no sentido mais amplo. Assim, ao mesmo tempo que exalta a pureza de seu amor por Madame Arnoux, Frédéric não consegue escolher qualquer posição na sociedade, primeiro influenciado pela monarquia constitucional (Louis Philippe), depois pela segunda República e, finalmente, pelo Segundo Império. Nesse sentido, Frédéric é o que Martha Robert chamou de “Bastardo médio”, cheio de sonhos que o desviam da ação, em oposição ao Bastardo na época de Napoleão, para quem conquistar o poder era o objetivo principal como bem exemplifica o personagem Rastignac de Balzac.

Os vários personagens que convivem com Frédéric são, apesar de tipos de um gênero novo, representantes das idéias de um lugar bem definido e agem de acordo com os códigos bem estereotipados de sua classe. Há o burguês Jacques Arnoux, há o burguês empresarial no casal Dambreuse, o pequeno burguês sonhador com o poder no personagem Deslauriers, amigo de faculdade de Frédéric, a cortesã com Rosanette... Essa diversidade permite a pintura de um mundo inteiro, aquele do fim da *Monarquia de Julho* em Paris. Dessa maneira, podemos ver nesta novela, como o fez Pierre Bourdieu, um campo de experimentação sociológica. É também esse ponto de vista que permite enxergarmos Flaubert como um mestre do realismo.

Precisamente porque pretende apontar as idéias preconcebidas de cada meio, *A educação sentimental* é também o início de uma outra travessia por meio da ironia: o narrador se recusa a intervir diretamente, e apenas procura a cumplicidade com o leitor, por alusões discretas a clichês, ou através do estilo indireto livre tantas vezes analisado. As opiniões dos personagens são desacreditadas por sua própria atitude, ou

por uma descrição objetiva a qual eles só vêem através do filtro de seus preconceitos. As poucas palavras de Frédéric, após a descrição pouco amena do saque do Palácio das Tulherias pelo povo em fevereiro de 1848, oferece um exemplo notável dessa ironia: o narrador descreve os bêbados e a aglomeração, os feridos se amontoam em salas devastadas. “Não importa, disse Frédéric, eu acho o povo sublime.” Ele simplesmente nega a realidade em favor de seus pré-conceitos românticos.

Embora menos conhecido do que *Madame Bovary*, *A educação sentimental* é um romance completo, em que o estilo do autor chegou à plena maturidade, e onde o mundo que ele constrói meticulosamente é aquele que ele conhece de experiência. A pintura assim criada é tanto um balanço do romantismo e o quadro preciso de uma época, tornando Flaubert o iniciador espiritual do naturalismo. Maupassant e Emile Zola irão considerá-lo como seu mestre.

O romance é dividido em três partes. A primeira e segunda possuem seis capítulos, a terceira, sete.

Para Kafka, Flaubert era autor de um único romance e esse romance era «A Educação Sentimental». Em Novembro de 1912, ao enviar um exemplar da tradução alemã a Felice escreve: «É um livro que, durante muitos anos, me tocou de perto como só o fizeram dois ou três seres humanos. Em qualquer momento e lugar em que o abri provocou-me sobressaltos de medo e absorveu-me inteiramente e de todas as vezes senti-me como um filho espiritual deste escritor, ainda que pobre e desajeitado.»

Proust escolheu «A Educação Sentimental» como exemplo do melhor Flaubert, considerando que neste romance a «revolução» no seu estilo estava «acabada».

Fonte: [http://fr.wikipedia.org/wiki/L'%C3%89ducation\\_sentimentale](http://fr.wikipedia.org/wiki/L'%C3%89ducation_sentimentale)

-----XXXX-----

**Por que o arrebatador “A educação sentimental”, do francês Gustave Flaubert, representa o final de uma era e o começo de outra**

Por Samuel Titan Jr.<sup>1</sup>

Imagine o leitor um romance movido pela ambição de ser a suma de seu gênero, de conter em si toda a amplitude e variedade da escrita de ficção, de resumir e esgotar, a

<sup>1</sup> <http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/gustave-flaubert-educacao-sentimental-502640.shtml> - Samuel Titan Jr. é professor de literatura comparada na Universidade de São Paulo e editor da revista Serrote. Ele prepara uma nova tradução de *A educação sentimental*.

um só tempo, todos os romances que o precederam. Mais concretamente, imagine o leitor um romancista disposto a comprimir as dezenas de volumes da *Comédia humana* de Balzac nas páginas de um único livro - isto é, de capturar toda a explosão gloriosa e trágica da vida burguesa do século 19 por meio das aventuras de um punhado de personagens. Faça isso, leitor, e terá esboçado mentalmente os contornos de *A educação sentimental* e de seu autor, Gustave Flaubert.

Publicado em 1869 e escrito durante sete longos anos, *A educação sentimental* é mais do que uma obra de maturidade. O rótulo, aliás, não faria grande sentido, em se tratando de um autor que esperou muito, até os 36 anos, para estrear já maduro, com *Madame Bovary*, grande sucesso do ano de 1857. Quando mete mãos à obra nesse grande romance parisiense, Flaubert está menos preocupado em reafirmar a condição de mestre - um tanto abalada, vale dizer, pelo fracasso de *Salammbô*, ficção orientalista de 1862 - do que em acertar as contas com o passado. Com o próprio passado, em primeiro lugar: com os fantasmas eróticos e sentimentais da juventude em Rouen e de seus breves tempos de estudante em Paris, dominados pelo vulto de uma mulher mais velha, Élisabeth Schlesinger. Mas também com o passado coletivo: numa carta dos anos de labuta na *Educação*, Flaubert fala de seu desejo de escrever “a história moral de minha geração”, com a revolução de 1848 por epicentro. Por “história moral” entenda-se uma espécie de dissecação praticada no próprio corpo, na própria memória, e voltada a tentar entender (muitas vezes em termos muito próximos dos de Marx em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*) o que se passara na França naqueles anos que viram a queda de uma dinastia, as tribulações de uma frágil república, a eclosão da guerra de classes e, por fim, a ascensão de uma monarquia espúria como a de Napoleão 3º.

Acerto de contas, por fim, com o passado literário: o Flaubert da *Educação* não quer apenas se ombrear com seu grande antecessor, Balzac; ele quer mais, ele quer esgotá-lo, resumi-lo por meio das aventuras de um trio central de personagens: Frédéric Moreau, o herdeiro; Charles Deslauriers, rábula<sup>2</sup>, e Marie Arnoux, sua mulher. Em torno dos três, articula-se uma trama rica e vasta de episódios que cobrem toda a gama humana e social do século 19: burgueses e boêmios, senhoras de família e moças de pouca virtude, operários e arrivistas, com lugar para todo tipo de sentimento e atitude, do amor edípico mais assombrado ao arrivismo<sup>3</sup> mais cínico, muitas vezes associados de maneira surpreendente. Coisa de mestre - mas de um mestre às voltas com o que poderíamos chamar de uma “escrita de risco”.

---

<sup>2</sup> Advogado sem formação acadêmica.

<sup>3</sup> Ambição, desejo de alcançar bom êxito a todo custo.

O leitor está, pois, diante de um clássico dos mais singulares, que não se contenta com o domínio magistral do gênero, da forma, mas antes se arrisca nos seus limites. Já muito perto do fim da redação, Flaubert escrevia em outra carta que o trabalho lhe parecia infértil: “as coisas não se encaixam”, reclamava ele. E, num sentido muito preciso, não se encaixam mesmo. Pois *A educação sentimental*, fertilíssima como é em cenas, personagens, episódios, tramas paralelas e reviravoltas súbitas, é também o romance do fim da aventura. Com efeito, o leitor não tardará a notar que, nas páginas deste romance, as coisas decerto proliferam, mas parecem faticamente dar em nada: o amor se complica e se desdoura, a revolução soçobra, os negócios fracassam. O crítico Georg Lukács captou esse ponto com precisão ao notar que o tempo, neste romance, não põe, só decompõe. A cada tantas páginas, uma frase decreta: “e foi só isso”.

### **O ponteiro anda pra trás**

Ora, a aventura foi desde sempre — desde *Dom Quixote* e *Robinson Crusoe* - o eixo central da forma romanesca, o princípio de estilização por meio do qual o romance tentou capturar a forma da experiência dos indivíduos nos tempos modernos. Renunciar à aventura, decretar o fim da aventura vale por dizer que nossas vidas já não se pautam por ela. E talvez nesse diagnóstico tácito resida o cerne moderno, pós-balzaquiano e pós-burguês de *A educação sentimental*. Instalado no coração do romance, o ano de 1848 deixa de ser uma data histórica entre outras e passa a ser não só o marco final da era heróica da burguesia como também o momento inaugural e melancólico do presente em que ainda vivemos: podemos exaltar nossas causas, cuidar de nossos sentimentos e nos glorificar por nossas proezas, sem que nada disso seja capaz de apagar a suspeita de que o melhor de nossa era já ficou para trás. O dramaturgo irlandês Samuel Beckett provavelmente tinha isso em mente quando, na sua breve temporada como professor universitário, decretou que, entre os autores oitocentistas, Flaubert era o realmente decisivo para o escritor moderno.

Essa corrente moderna, que vai subindo e tomando conta do livro, está inscrita em cada uma das páginas da *Educação*: no seu andamento seco, por vezes truncado; nos hiatos e lacunas que parecem se insinuar entre os parágrafos e romper o ímpeto da ação; na pontuação muito peculiar; nos advérbios dispostos ao arrepio da gramática; e sobretudo no uso disseminado, pela primeira vez, do discurso indireto livre, que não deixa o leitor saber quem propriamente está falando, se o personagem ou se o narrador. Efeitos sutis e poderosos, que Flaubert lutou por atingir ou, em muitos casos, inventar.

Efeitos que, infelizmente, se perdem na tradução ora relançada: trabalhando há



mais de cinco décadas e vindo de um ambiente literário em que Eça de Queirós imperava como modelo de escrita ficcional, o português Adolfo Casais Monteiro fez o ponteiro do relógio estilístico andar para trás e traduziu Flaubert na chave, justamente, de um Balzac ou de um Eça no que este tem de menos balzaquiano. Não faltam, pois, as frases polidas, os efeitos de continuidade e de clímax que o autor abominava, o gosto pelo metafórico onde Flaubert inovava ao ser prosaico, seco ou mesmo crasso. Há coisa de 15 anos, a mesma editora fez uma contribuição importante ao retraduzir *Madame Bovary*; agora, fica a nos dever um Flaubert à altura da radicalidade e do desencantamento deste que é um dos livros fundadores da modernidade.